

DAUSTER, Tânia¹; TOSTA, Sandra Pereira²; ROCHA, Gilmar³ (orgs.). *Etnografia e Educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012, 248p.

Denise Barreto da Silva

Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação da PUC-Rio

A publicação se trata de uma coletânea composta por nove artigos escritos por diferentes pesquisadores de instituições nacionais e estrangeiras, antropólogos e educadores, atuantes nos campos da antropologia e da educação no Brasil e em Portugal.

Os dados foram produzidos a partir da incorporação da perspectiva antropológica na pesquisa educacional. Diante disso, o livro foi escrito a partir de múltiplos olhares dos autores orientados pelos usos da lógica da antropologia em que pesquisadores são sensibilizados para compreender outras formas de representar, praticar, classificar e organizar o cotidiano.

A seção intitulada *Antropologia e Educação: “diálogo e perspectivas”* foi escrita por Gilberto Velho, que afirma que o livro apresenta dados e reflexões sobre distintos mundos culturais e categorias sociais. Além disso, ressalta que o livro torna privilegiado o encontro entre a tradição antropológica de pesquisa e questões cruciais e desafiantes do universo da educação. Segundo Gilberto Velho, trata-se *de um livro que soma e multiplica conhecimento* (p.13).

A introdução da obra foi escrita pelos seus organizadores, que sublinham que a ideia para a sua elaboração surgiu de um encontro de trabalho que tinha como objetivo discutir o papel da etnografia na interface da antropologia com a educação. Como uma das contribuições, os autores

¹Tânia Dauster Magalhães e Silva é graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969), possui mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1975) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional (1987). É professora emérita da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professora associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro¹.

²Sandra de Fátima Pereira Tosta é graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1997). É professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, onde atua como pesquisadora nas áreas de Antropologia Urbana, Comunicação e Educação.

³Gilmar Rocha é graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1986), possui mestrado em Sociologia da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993) e doutorado em Antropologia Cultural (Ciências Humanas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003). É professor adjunto do Departamento de Artes e Estudos Culturais (RAE), do Pólo Universitário Rio das Ostras (PURO) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

destacam que a introdução da perspectiva antropológica no contexto educacional é sustentada pela necessidade simbólica de produzir uma atitude de observação, estranhamento e relativização por parte do profissional em educação. Os autores fazem uma sucinta descrição dos artigos da coletânea.

O artigo *A epistemologia da infância: ensaio de antropologia da educação* foi escrito por Raúl Iturra. Neste trabalho, ele destaca que falar de epistemologia da infância pode significar um problema duplo: o problema da epistemologia como conceito que pretende definir ou explicar a lógica das relações sociais e o problema da infância como processo de relações sociais de épocas conjunturais da vida de um ser humano em qualquer grupo social, cultura, hierarquia e classe social.

O autor define epistemologia como um conjunto de símbolos que permite a comunicação entre seres humanos. Discute sobre a lógica do pensamento da criança que permite que esta observe o mundo do adulto, mesmo que não o compreenda. Destaca que ignorar os textos básicos da nossa cultura no campo do conhecimento científico é um grande problema. Destaca que a criança detém conhecimentos e que esta é a síntese de seus ancestrais. Além disso, ela aplica seu saber nas suas brincadeiras.

No texto *Aprendendo com o outro: Margaret Mead e o papel da educação na organização da cultura*, Gilmar Rocha discute os trabalhos de Margaret Mead. Afirma que a mesma era capaz de transformar temas aparentemente inusitados, banais, cotidianos e quase invisíveis em oportunas reflexões sobre problemas da sociedade americana e que seu nome era associado à ideia de “antropologia aplicada”, assim como das antropologias da escola de “cultura e personalidade”, da infância e da juventude da educação, do gênero, das sociedades nacionais e da antropologia do cotidiano. Margaret Mead entendia que estudar outros povos poderia auxiliar na compreensão da sociedade americana.

Com base num olhar orientado para a comparação, o autor afirma que o objetivo do texto é destacar a contribuição de seus estudos para a compreensão do processo de formação da antropologia cultural moderna, revelar a atualidade do pensamento de Mead e de suas abordagens para o campo da educação no Brasil hoje.

No artigo *Escrever: formação e identidade num universo de escritoras*, Tânia Dauster faz um mapeamento dos processos de formação, construção das identidades e representações e práticas de escrita de oito escritoras brasileiras de grande reconhecimento e de gerações diferentes, através de uma etnografia no meio urbano. Busca captar significados, valores, concepções, representações, práticas, memórias sobre formação, carreira e cotidiano das escritoras, buscando por meio dos depoimentos, alcançar a subjetividade de cada uma delas.

A autora apresenta apreciações sobre a formação e a constituição da identidade destas escritoras, sobre caracterizações da escrita literária feita por mulheres. As conclusões destacam que “vivências” de códigos diferentes, outras “biografias” e outras “vidas” instituem e dão significado a existências e individualidades ou a multifacetadas identidades dos sujeitos.

Lucelena Ferreira é autora do texto *Sinal fechado: representações e práticas de leitura de alunos do ensino médio de uma escola pública carioca*, onde são apresentados os resultados de uma pesquisa sobre a relação de alunos do último ano do ensino médio de uma escola pública carioca com a leitura. A autora analisou práticas e representações através de um trabalho de campo que incluiu observação participante e entrevista com professora e alunos. Reconhecendo o papel da escola na formação do leitor, buscou desvendar o que lia o universo estudado e compreender quando, como, para que e por que lia (ou não lia) com destaque para as influências do ensino de língua/literatura nesse processo.

A autora destaca que a escola estudada, mais especificamente a sala de aula acompanhada, apresentava alguns problemas estruturais como excessivo barulho. Além disso, ressalta que a pedagogia da literatura adotada pela professora deixa de lado o uso de ferramentas relacionadas às novas tecnologias. Com base nas observações e nas declarações dos sujeitos envolvidos, conclui que as práticas adotadas pela professora não favoreceram no período observado a “vivência do literário” pelos jovens em sala de aula.

Ricardo Vieira, no texto *Do lar à escola: a hegemonia das práticas escolares e antropologia da educação em Portugal*, expõe o desenvolvimento da antropologia da educação em Portugal e destaca que Raúl Iturra foi o responsável pelo *boom* do desenvolvimento da antropologia da educação em

Portugal. Em 1996, Iturra deu o pontapé de saída para o estudo dos saberes da infância, com textos dele e de outros autores, sobre os diferentes saberes que os diferentes contextos culturais ensinam às crianças.

O autor destaca que o lar é apresentado à criança como as portas de um primeiro saber e que o processo de ensino-aprendizagem na escola se impõe de maneira hegemônica aos alunos e também a suas famílias. Sobressalta que a disciplina de antropologia deverá alertar e sensibilizar professores, agentes educativos, políticos e sociedade civil para a necessidade de construir pedagogias contextualizadas, capazes de permitir o sucesso escolar de todos. Conclui que a escola deveria mudar e não as culturas que com ela concordam.

No artigo *Pelos mares da baía da Ilha Grande*, Anderson Tibau relata aspectos do cotidiano de professores e estudantes que trafegam pelos mares da Ilha Grande. Concebendo a fotografia como representação da realidade e suporte às anotações, o autor destaca que a fotoetnografia pode ser utilizada como um meio para descrever culturas a partir de imagens fotográficas.

Alexandre Barbosa Pereira, em *Jovens e rituais escolares*, aborda o tema juventude e relações com a escola, onde as ações dos estudantes têm constantemente desequilibrado a ordem no ambiente escolar. O autor destaca que há uma constante tensão entre a lógica docente e a discente, onde esta se pauta mais na diversão, na gozação e na busca de quebrar regras institucionais, enquanto aquela preza mais a ordem, o respeito às regras da instituição escolar e a disciplina.

Pereira assinala o papel de enclausuramento exercido pela instituição escolar - uma preparação para que aqueles que a frequentaram possam, posteriormente, ser soltos na sociedade. Entretanto, ressalta que quando o controle dos corpos efetuado pela escola começa a falhar, a única ferramenta que resta para manter a disciplina é controlar a passagem interior-exterior.

Sandra Pereira Tosta e Pollyana Alves são as autoras do texto *Cultura e cor na escola: uma etnografia com adolescentes negros de elite*, no qual apresentam uma etnografia realizada com adolescentes negros de elite, alunos de uma escola de ensino médio da rede privada da cidade de Belo Horizonte. O objetivo do estudo era compreender o processo de construção da identidade desses adolescentes; identidade étnica como um caso particular de identidade social. As autoras destacam que tiveram como resultado da pesquisa uma

aproximação de uma representação étnica produzida por um grupo étnico inserido em um contexto muito particular; e não propriamente um modelo articulado de modos de identificação.

O último artigo é intitulado *Educação quilombola: entre saberes e lutas* e foi escrito por Neusa Maria Mendes de Gusmão e Márcia Lúcia Anacleto de Souza. As autoras destacam que não há como falar de educação sem levar em conta o campo de tensão social e político que envolve a vida em sociedade. Neste caso específico, ressaltam que é importante abordar a forma assumida pelas tensões no interior da realidade das comunidades negras do mundo rural hoje, os quilombos contemporâneos.

Entendendo que a educação quilombola está em construção, as autoras inferem que pensá-la seria buscar uma escola para a diversidade, onde professores e gestores tivessem condições para desenvolver o trabalho pedagógico com toda expressão de diversidade cultural a partir do diálogo.

O livro é bastante relevante, pois aborda o tema cultura e escola a partir de diversas etnografias. Diversas culturas da escola são expostas na obra o que possibilita a relativização do que se configura como representação do ambiente escolar.

A obra possui relevância para estudantes, antropólogos e educadores. Pode ser utilizada para alunos da graduação e da pós-graduação. Cabe ressaltar que os artigos em si próprios destacam a etnografia como um modo de conhecer, neste caso específico, a escola e as culturas ali presentes.